

O Ecologismo e a Peste Emocional

Claudio Luiz Zanutelli ¹

RESUMO

Este texto faz um paralelo entre as teses do fundamentalismo ecologista (o ecologismo) e as teses da extrema direita, relatando as derivações a que podem levar a crença num ecologismo "inocente".

RESUMÉ

Ce texte fait un parallèle entre les thèses des écologistes fondamentalistes et les thèses de l'extrême droite, il relate les dérives auxquelles peut amener la croyance en un écologisme naïf.

Introdução

A ecologia pode ser definida como a ciência que se ocupa do estudo, da prospecção e da análise do meio-ambiente, da biosfera. A ecologia estuda a estrutura e o funcionamento dos ecossistemas, dentro dos quais a transferência permanente de energia e de matéria (cadeias alimentares, ciclos ecológicos) determinam a velocidade de crescimento da biomassa (produtividade). A ecologia aplicada leva em consideração a ação do homem com o propósito de limitar as consequências nefastas (degradação do meio-ambiente, poluição, redução da biodiversidade, etc.) e de favorecer uma gestão racional da natureza.

O ecologismo é a ideologia, às vezes deformadora, da ecologia.

A ecologia profunda e o nazismo

Um livro suscitou reações em 1993 na França (Luc Ferry, *le Nouvel ordre écologique*)². O autor coloca em perspectiva, lado a lado, as idéias "ecologizantes", as idéias dos movimentos conservadores (fascistas e neo-nazistas) e as concepções da ecologia profunda (deep ecology).

São citados, no livro, vários textos de autores do início do século e principalmente uma legislação nazista dos anos 30 na Alemanha. Esta legislação "ecologista" propõe principalmente o respeito aos animais em geral. É interessante notar a proposta inscrita na lei de um transporte mais "humano" (sic!) para os animais, (Lei nazista sobre a proteção dos animais de 24/11/33). Além destes aspectos há nesta legislação abordagens sobre a volta à terra (Heimat) e a preservação do quadro de vida campestre. Uma declaração de Hitler dá o tom: "Dans le nouveau Reich il ne devra

¹Professor visitante da Universidade Estadual Vale do Acaraú, Doutor em Geografia do Desenvolvimento no 3º Mundo (Univ. Paris X - Nanterre, França)

plus y avoir de place pour la cruauté envers les bêtes” (No Segundo Reich não deverá haver mais lugar para a crueldade em relação aos animais).³

Evidentemente, se compararmos esta legislação de “respeito” aos animais e à natureza que são definidos como sujeitos de direito, com o não respeito ao Homem e os crimes contra à humanidade cometidos pelos nazistas, percebe-se um abismo, uma “felure” (falha) no real.

A idéia que o mundo natural é em si digno de respeito, independentemente dos seres humanos, é o tema central da ecologia humana. Vários exemplos mostram como se começa a defender as árvores e os animais, notadamente nos países anglo-saxões, como se elas tivessem uma personalidade jurídica.

Luc Ferry chama atenção para os deslizamentos de ecologistas fundamentalistas, a partir de livros publicados por filósofos contemporâneos como o australiano Peter Singer, defensor da natureza, mas que apoia-se em toda uma tradição de pensamento zoófilo do século XIX (Jeremy Bentham e Henry Salt). Singer afirma que:

“(…) existem certas características de certas criaturas que dão mais valor a suas vidas que a vida de outras criaturas : mas existe certamente, independente de nossos standards, animais não humanos cuja vida tem mais valor que de certos humanos. Um chimpanzé, um cachorro ou um porco terão, por exemplo, uma consciência mais aguda de si e uma maior capacidade de se relacionar que os bebês retardados ou os indivíduos num estado de senilidade avançada.”⁴

Estas afirmações constituem o extremo de uma amostra de declarações de diversos segmentos de diferentes movimentos “ecologizantes” citados no livro de Ferry. Elas podem ser interpretadas como um apelo à exterminação dos “alienados”, projeto realizado pelos nazistas na Alemanha e de outra forma pelos governantes de um Estado do Sul do Estados Unidos (esterilização dos “marginais”, “alienados” e “desviantes” diversos ou considerados como tal entre os anos 30 e os anos 70).

O biólogo nazista Walter Schoenichen defendia em 1942 a preservação das diferenças raciais. Ele era contra o antropocentrismo e pela “igualdade” de todas as espécies animais e raças. Ele havia proposto deixar os indígenas se desenvolverem entre eles. Única recomendação, evidente, segundo Schoenichen, do ponto de vista nacional-socialista: a proibição de casamentos mistos, pois eles significam o desaparecimento das diferenças e da uniformização do gênero humano.

Assim hoje, como no passado, a extrema direita não vai parar de fustigar a miscigenação sob todas suas formas, e designa como tarefa da ecologia “a defesa da identidade”, quer dizer “a preservação do meio ético, cultural e natural dos povos”, começando, evidentemente, por seu próprio povo:

“Porque lutar pela preservação das espécies animais e aceitar, ao mesmo tempo, o desaparecimento das raças humanas através da miscigenação generalizada?” (Declaração de Bruno Mégret, líder do partido de extrema direita francês Front

National (FN), em um colóquio sobre a ecologia em Novembro de 1991.⁵

Um novo muro nasce entre o Norte e o Sul do planeta

Destas posições francamente racistas, contra a miscigenação, nascem as teses xenófobas que invadem hoje a Europa. O desejo de proteger a particularidade nacional instiga à proteção da nação contra uma suposta “invasão” estrangeira. As teses, recentemente recolocadas na moda, do Malthusianismo reforçam este tipo de argumento contra as populações do Sul do planeta. Estes discursos são falaciosos e baseados em afirmações sobre a demografia, de certos pesquisadores com a maior das “boas intenções” e que se declaram “preocupados” com o problema demográfico. Como diria Milton Santos não é eliminando os pobres através do controle do crescimento demográfico que se elimina a pobreza. Ao contrário, são as condições sociais e políticas que determinam o nível de vida das populações e consequentemente a evolução da esperança de vida, se se limita os nascimentos sem uma correlativa evolução das condições de vida, os pobres continuarão existindo.

As políticas de controle de natalidade respondem, em parte, ao medo social surgido nos países do Norte, de que o terceiro mundo pese cada vez mais na população do mundo e que os recursos se rarifiquem. Isto não seria mais uma maneira de purificar a humanidade? Pois sabemos que existe ainda muito espaço a ser ocupado na Terra, que existem diferenças enormes de consumo e de poluição entre um país pobre e um país rico e que a fome é conjuntural (guerras, disputas entre nações, problemas políticos, assim como a estocagem de milhões de toneladas de produtos alimentares para fins especulativos como os estoques reguladores de carne, de manteiga e de cereais da Comunidade Européia).

As fronteiras do Norte são cada vez mais controladas, um novo muro surge: controles no canal de Gibraltar, dezenas de milhares de pessoas tentam atravessar este estreito entre a África e a Europa e são expulsas, morrem afogadas por causa da travessia precária em pequenos botes ou se encontram nas prisões espanholas. Entre os USA e o México (diríamos todo o resto da América Latina), foi construído um nova cortina de ferro para impedir a travessia da fronteira por milhares de pessoas vindas deste continente para tentar a chance no Norte. Problema, mais uma vez, social, político e econômico.

Estes discursos de invasão se inscrevem numa perspectiva de “catastrofismo” muito em voga. Certos movimentos ecologistas desenvolvem argumentos apocalípticos, assim como uma parte da imprensa. Claro que se tem que contextualizar estas visões, principalmente diante de acidentes nucleares à repetição, de acidentes com petroleiros, lixos atômicos, lixos químicos, tecnologias mal controladas, segurança mal organizada, desprezo pelas populações dos locais aonde estão situadas estas usinas: Cubatão, Goiânia (Brasil), Bhopal (India), Sevezo, Tchernobyl (URSS), etc. Este clima

favorecendo o aparecimento de messias e ao mesmo tempo de uma conscientização crescente das populações sobre os problemas do meio-ambiente.

Os exageros podem num primeiro momento favorecer a conscientização e a politização do movimento, mas existe um “movimento verde matizado de marrom”, que embarca na onda e aproveita-se do clima de pânico instaurado.

Na França uma parte do Front National (extrema direita), apóia certas teses ecológicas. Inclusive, uma de suas militantes, Alika Lindberg, desenvolveu um projeto de reintrodução na natureza de espécies ameaçadas de extinção no Brasil.⁶ De maneira perversa este partido, num dos seus programas eleitorais, proclama que a espécie francesa à exemplo das espécies animais, está ameaçada pelos estrangeiros de ser “desnaturada”, sendo assim ela tem que ser protegida. Como consequência lógica deste argumento deveria se colocar os estrangeiros para fora do país.

Assim, existe uma espécie de homologia entre certas idéias “ecologizantes” e a extrema direita. Como diz Philippe Pelletier, existe um ar de “dèjà vue”, de volta ao campo, de pureza nestes discursos que nos fazem lembrar outros movimentos (Trabalho-Família e Pátria, Pétain, Fascistas, Nazistas, etc.).

E se verificarmos que muito da ideologia “ecologizante”, hoje, com alguns dos seus segmentos políticos pregando o não-não, nem direita nem esquerda, vai ao encontro de uma ideologia de recusa de partidos “tradicionais” e de reivindicação populista de uma “originalidade” perdida e de uma virginalidade política (busca de uma virginalidade mítica das florestas primitivas).

Estas idéias proliferam num momento político Europeu de crescimento das idéias fascistas (agressões na Alemanha, na França, na Inglaterra contra os estrangeiros), o famoso “mal cheiro” dos estrangeiros que vivem em Paris (declaração de Chirac ex-prefeito desta cidade e atual presidente da República) e charters para o Terceiro-Mundo de uma maneira geral abarrotados de cidadãos-migrantes expulsos como verdadeiros bandidos com mãos e pés atados. Existe uma espécie de consenso sobre o estrangeiro, bode expiatório, vontade de limpeza, de varrer o que envia a um imaginário da casa do recanto, do limpo (outra obsessão dos tempos de mundialização exemplificada pelas propagandas de sabão em pó, “mais branco que o branco”).

Sobre o medo, a peste emocional, para falar como W. Reich, se concentram os populismos e o Apocalipse ecologista é uma destas tendências: “O grande medo planetário nasce da rarificação de riquezas naturais, multiplicação dos lixos industriais (principalmente nuclear) e da destruição de culturas tradicionais”.⁷ Ele nasce também de manipulações políticas e do fatalismo e pessimismo cultural do mundo ocidental.

Como dizia o regretado filósofo e anti-psiquiatra Félix Guattari:
 “ (...) A nova moda do catastrofismo ecológico não é sem relação com a pulsão de

morte coletiva, que não é de jeito nenhum, como Freud teorizou, o outro lado obrigatório de Eros, mas é montada e alimentada artificialmente pelas instâncias de subjetivação quando, elas se tornam “unidimensionalizantes”. Num ambiente de passividade da mídia, quanto mais se chama a catástrofe, mais ela é inconscientemente desejada.”⁸

Seria o ecologismo uma construção social do medo? Este medo que invade as sociedades, medo do desemprego, medo da crise, medo da guerra, medo do outro. Impotência erguida em programa político, medo da penetração (em todos os sentidos) e da invasão.

Notas

²FERRY, Luc. *Le nouvel ordre écologique - L'arbre, l'animal et l'homme*. Paris, Grasset, 1992.

³Citado in FERRY, Luc, op. cité, p.181.

⁴SINGER, Peter. *La libération animale*, 1975, p.35, citado in FERRY, Luc, op. cité.

⁵FERRY, Luc, op. cit. pp.203-204

⁶Ph. PELLETIER. *L'imposture écologiste*, *Geographiques*. Reclus, 1993. p.92.

⁷ALPHANÉRY, BITOUN, DUPONT. *L'équivoque écologique*. Paris, La découverte, 1991, p.101.

⁸Félix GUATTARI. *La grande peur écologique*. *Libération*, 30/06/89, citado por PELLETIER, op. citada, p.124.